

## O Papel da Webquest na Transdisciplinaridade

**Ana Maria Esteves**

Escola EB 2,3 de André Soares – Braga  
aname@sapo.pt

**RESUMO** – A vertigem hodierna pelo saber, conjugada com o mergulho na informação que a todo tempo nos submerge, impedem o acompanhamento reflectido do conhecimento, o qual, por sua vez, cresce exponencialmente tornando o seu acompanhamento crítico e contextualizado difícil de realizar. Esta realidade torna o conhecimento cada vez mais fragmentado, estanque e insular, transformando-se num fenómeno para sujeitos hiper-especializados, muitas vezes incapazes de conceber a sua unidade contextual. Neste sentido propomos uma webquest (<http://anawebquest.planetaclix.pt>) onde a transdisciplinaridade assuma um papel relevante possibilitando a interacção dialéctica entre a teoria e a práxis social afirmando-se como uma via para a formação de cidadãos conscientemente interventivos (Morin, 2001). As webquests podem abranger uma ou diversas áreas disciplinares, favorecendo assim a relação entre diversas áreas do conhecimento e nesse sentido a transdisciplinaridade. Esta ferramenta, de matriz eminentemente prática, orienta-se para a recolha, análise e tratamento de informação provinda essencialmente da Internet (Dodge, 1995) e tem em vista, a realização de uma investigação ou posterior intervenção social consciente e esclarecida. A presente comunicação pretende reflectir sobre esta nova forma de ensino/aprendizagem tendo por base a charneira transdisciplinar que a mesma pode potenciar.

### **Webquest, um piscar de olho à transdisciplinaridade**

Actualmente os alunos acumulam saberes e passam nos exames, na maioria das vezes, por reprodução *ipsis verbis* através do recurso à memorização, mas não conseguem mobilizar o que aprendem quando se vêem confrontados com situações reais. Assimilam-se conhecimentos disciplinares como matemática, história, ciências, geografia, etc. Contudo, a Escola não tem a preocupação de ligar esses recursos a situações da vida real, como: o trabalho, a família, a cidade, o lazer, etc. E muito menos de ligar estes saberes a grelhas e escalas de princípios e valores como a liberdade, a solidariedade e a democracia. Existe uma quase exclusiva preocupação com a transmissão do saber/saber, trabalhado longitudinalmente no interior de cada disciplina e não uma preocupação com a transversalidade desse conhecimento, envolvendo várias disciplinas do saber, na construção de um projecto verdadeiramente mobilizador e integrador das capacidades e das competências, a fim de colocá-las em sinergia nas situações mais complexas.

Perante o cenário acima descrito, torna-se premente chamar a atenção para o objectivo desta comunicação: evidenciar o papel mobilizador que a webquest pode desempenhar enquanto prática potenciadora da transdisciplinaridade no conhecimento. Saliente-se ainda, o facto desta ferramenta possuir a vantagem adicional de ser construída e discutida num suporte mais apelativo que o texto escrito convencional. Abre-se, desta forma, a porta aos diversos conteúdos disciplinares que se queiram integrar nesta realidade proporcionada pelas novas tecnologias de informação e comunicação (TIC). Por conseguinte, também por esta via, a webquest contribui para a transdisciplinaridade ao estabelecer uma aproximação efectiva entre os diversos saberes e a realidade dos alunos, onde o telemóvel, o vídeoclip, o chat, os blogues, o zapping, a navegação e

a interacção na Internet, constituem a imagem de marca dos seus suportes comunicacionais.

A modernidade científica e social é marcada por uma crescente fragmentação do conhecimento, perdendo-se de vista a globalidade. Com a transdisciplinaridade pretende-se demolir fronteiras entre disciplinas e atingir uma interacção que impossibilite distinguir onde começa e acaba cada área do saber, de modo a mobilizar, articular, contextualizar e agir com os conhecimentos adquiridos ao longo da vida. Silva (2004) coloca o objectivo na busca de uma teoria integradora da complexidade através da ideia de rede ou de comunicação entre as diversas áreas disciplinares. Por outras palavras, diríamos que actualmente cuidamos apenas da acumulação do saber, de muito saber (em regra teórico – um verdadeiro tesouro – acumulado sob a forma trabalho e sacrifício) e muitas vezes perguntamos; “*mas afinal, para que é que isto serve?*” Num contexto global, o resultado é ainda mais trágico e não raras vezes, encontramos uma miríade de pessoas sem saber fazer opções de vida, sem vontade política de votar, sem nenhuma causa onde participar, sem ideias no trabalho, sem causas no bairro, sem vontade de se empenhar em nada. Para essas pessoas a actividade profissional e cívica, mergulha então, num mecanicismo rotineiro sem vontade nem opinião, num amorfismo asséptico.

Para Morin (2002) torna-se necessário um novo paradigma que consiga harmonizar o conhecimento e a realidade complexa, sem cair na tentação de os reduzir a unidades elementares ou leis gerais, para este autor, só a transdisciplinaridade plasmada numa reforma do processo de ensino/aprendizagem poderá “*formar cidadãos capazes de enfrentar os problemas do seu tempo*”.

Bordieu (1987) advoga por isso, uma clara luta clara contra esta “*insularização dos saberes*” porque a mesma, condena os indivíduos à estagnidade em virtude dos saberes parcelares. Nesta perspectiva Perrenoud (2000) vai mesmo mais longe quanto a esta unificação e mobilização dos saberes e chama a atenção para dois factos, que quanto a nós nos parecem fundamentais. Em primeiro lugar, a transferência e a mobilização dos saberes e dos conhecimentos não caem do céu, sendo por isso necessário investir tempo a trabalhá-los e a treiná-los através de etapas didácticas e situações apropriadas. Em segundo lugar, essas etapas e situações complexas devem ser elaboradas de acordo com a observação das práticas sociais, identificando e criando contextos com os quais as pessoas se vejam confrontadas no seu dia-a-dia (Perrenoud, 2000).

Portanto, só através do investimento em tempo, no treino e no trabalho em contextos de práticas sociais se poderá unir os vários conhecimentos, pelo que “*A contextualização é uma condição essencial à eficácia (do funcionamento cognitivo)*” por conseguinte “*a evolução cognitiva não caminha para a evolução de conhecimentos cada vez mais abstractos, mas ao invés, para a sua contextualização*” (Morin 2001). Perante esta perspectiva, as webquests quando concebidas e realizadas numa óptica transdisciplinar constituirão (no nosso modesto entendimento) uma excelente ferramenta de ensino/aprendizagem porque potenciam uma verdadeira aproximação entre os conteúdos, a realidade que lhe deu origem e o contexto social que os cerca.

A webquest por nós configurada baseia-se, por isso numa temática simples “*A segurança na Internet*”. Esta questão, permite não só ligar alguns conteúdos disciplinares, como partilhá-los nas diferentes etapas, em várias disciplinas. A transdisciplinaridade reside igualmente na aproximação à realidade contextual de exploração da Internet enquanto prática social. Constitui

um alerta, uma espécie de base profilática contra possíveis más utilizações deste recurso em relação a uma realidade considerada por muitos, como virtual, mas cujas consequências são bem reais. Aliás, um dos maiores perigos reside precisamente na realidade sensório-sedutora, obtida através da interacção possibilitada pela tecnologia, na transmissão de informação ao alcance de um simples clique numa qualquer conexão tecnológica.

### **O papel do professor**

As sociedades transformam-se, fazem-se e desfazem-se. As tecnologias mudam o trabalho, a comunicação, a vida quotidiana e mesmo o pensamento. As desigualdades deslocam-se, aprovam-se e recriam-se em novos territórios e os actores de toda esta mudança estão ligados aos múltiplos campos do saber e abarcam todo o tecido social. Ninguém lhes escapa, a palavra mudança é uma palavra de ordem e a escola não é nenhum santuário protegido, bem pelo contrário, ela é um dos campos onde o seu reflexo sociológico e intelectual é bem visível.

E se existem campos da actividade humana onde os efeitos da mudança se fizeram sentir com particular ênfase, o mundo dos media e da comunicação está, seguramente, entre os mais estimulados por este impulso *“Os efeitos da tecnologia não ocorrem nos níveis da opinião ou dos conceitos mas alteram o equilíbrio de significado e os padrões da percepção de uma forma firme e sem resistência”* (McLuhan citado por Ilharco 2004). Na verdade e ainda nas palavras de Ilharco, todos os media ampliam os sentidos humanos e a maneira como percebemos a realidade.

Os professores atentos a esta realidade deverão parar de pensar que ministrar conteúdos é o cerne da profissão, mas para tal, não basta adaptar os conteúdos para webquests sem nada mudar de fundamental. O primeiro indício dessa mudança será a diminuição de peso dos conteúdos disciplinares e uma avaliação formativa claramente orientada para a faculdade de mobilizar o conjunto de conteúdos, de saberes e demais recursos de forma a solucionar situações que representem a prática social dos alunos, a vivência da comunidade escolar, os problemas inerentes às preocupações dos alunos, da própria escola, etc. devendo os mesmos preferencialmente possuir um carácter de transdisciplinar pelas razões acima aduzidas.

Esta será por certo, a maneira mais fácil e o caminho mais curto para que os alunos sintam a utilidade em aprender. Isto pressupõe uma pedagogia activa, cooperativa e aberta à comunidade escolar, que vá de encontro ao sentir dos alunos, envolvendo-os através de dispositivos de diferenciação pedagógica, de que a webquest se constitui como um exemplo, capaz de proporcionar aprendizagens fundamentais. Este tipo de preocupações conduz ao aparecimento de soluções que vão no sentido de procurar, oferecer aos diferentes grupos de alunos situações de ensino/aprendizagem que lhes sejam mais adequadas, numa tentativa de atender ao arco-íris cultural de que fala Sousa Santos (1995) criando-se uma atmosfera de maior respeito e aceitação da diferença. Abrindo deste modo espaço para o desenvolvimento de um professor *“não daltónico”*.

Na esteira destas preocupações a Revisão Curricular do Ensino Secundário (DES, 2000) cuja Área Projecto se assume como tendente a desenvolver nos alunos *“capacidades”* e *“atitudes”* ligadas *“à utilização da metodologia de trabalho de projecto, articulando, numa dimensão transdisciplinar, os saberes teóricos com a sua realização prática”* através de um processo de *“recolha, análise e selecção de informação para a resolução de problemas”* tendo também por

objectivo, o relacionamento dos *“projectos desenvolvidos com os contextos sociais”*. Mais não faz, do que sustentar este tipo de metodologias transdisciplinares, especialmente, quando aplicadas na construção de percursos investigacionais partilhados por diferentes disciplinas numa abordagem aos problemas reais do contexto sócio-cultural dos alunos. A via transdisciplinar advém assim da capacidade do professor em jogar com as *“múltiplas parcelas desconexas de conteúdos (...) na compreensão interrelacionada dos problemas reais do mundo em que vivemos* (Molero, 1999) sem com isto pretender escapar à realidade económica, social e cultural do meio envolvente.

Assim sendo, este novo professor dito *“intermulticultural”* (Cortesão, 2000) não se poderá limitar a aplicar de modo uniforme os materiais didácticos que lhe são fornecidos. Ele, terá de ser capaz de escolher certos conteúdos como mais importantes e recriar metodologias de trabalho que identificará como sendo as mais adequadas, àquelas circunstâncias de trabalho.

Por outro lado, torna-se imperioso não desistir e sensibilizar os colegas para que não sintam uma obsessão irreductível pelos conteúdos das suas disciplinas. Ensinar, nos dias de hoje, deveria consistir em conceber, encaixar e regular situações de aprendizagem, seguindo princípios pedagógicos activos e construtivos. O maior obstáculo consiste em convencer os professores a romper com as suas rotinas e a repensar a que níveis do sistema educativo querem ser protagonistas. Se assumem apenas o papel de mero implementador do programa executando a transmissão de um conjunto de matérias prescritas ou se pelo contrário, também assumem as suas responsabilidades enquanto intervenientes e criadores no processo educativo e social. Ou como melhor diria Pacheco (2001) limitam-se a ser *“operários”* ou também querem contribuir na construção do edifício como *“arquitectos”*?

### **Pequenos alertas**

A terminar esta reflexão, gostaríamos de modo não apodíctico, deixar alguns apontamentos:

Primeiro – É necessário não transformar a webquest e todo o trabalho de campo que esta possa proporcionar num exercício de banalização no âmbito das TIC. Com efeito o cumprimento de objectivos e etapas previamente definidas pode transformar a acção de investigação dos alunos a uma simples aplicação de algoritmos, reduzindo-os desta maneira ao papel de meros executores de planos previamente prescritos.

Segundo – Tendo nós, educadores, a consciência plena de que as linguagens e os diversos suportes comunicacionais interferem de modo crescente nas interacções educativas e na futura realidade profissional dos alunos, é importante promover as webquests em contextos transdisciplinares como forma de integrar de modo significativo as TIC nas actividades educativas, favorecendo assim um método de ensino/aprendizagem para a criação de estratégias correctas na gestão futura dos cenários sócio-profissionais e também, da actuação e participação cívica.

Terceiro – Salientar que a desmultiplicação incalculável de fontes, oferecida pelas TIC, criou uma corrente de informação, de tal modo infinita, que a linha distintiva entre aquilo que é verdadeiro e fidedigno e a mentira, é por vezes uma realidade muito ténue. Por consequência, o papel do professor em muitos dos contextos da webquest poderá passar mesmo por se transformar numa espécie de gestor de informação (não confundir com censor ou protector paternalismo). Circunstância que só por si, implica a cada vez mais urgente e necessária

construção de uma geração, verdadeiramente educada para os media.

Quarto – A construção de uma geração para os media só se cumprirá, se todos nós, enquanto educadores, pressionarmos a agenda política para que implemente uma real educação, que não se limite apenas ao texto escrito, mas englobe os outros sistemas simbólicos constituídos por grafismos, imagens, sons, etc. tendo como objectivo principal, desenvolver nos alunos uma capacidade crítica e criativa através da sua participação activa na construção de interpretações e formulação de juízos informados (David Buckingham, 2001). Isto é; oferecer sem cair no reino do facilitismo, possibilitar a congregação de qualidades e reunião de competências, para que, na tal heurística defendida por Bourdieu (1987) para a educação, os jovens desenvolvam o seu espírito crítico e não se tornem apenas simples assimiladores acríticos de informação.

Desta forma, pensamos partir em demanda de uma educação que trabalha, de modo realmente efectivo, para a construção de uma sociedade mais digna, mais justa e mais feliz. Contribuindo para que os educandos nela formados tenham uma voz social mais consciente, crítica, reflexiva, interactiva e plural, capaz de criar novas sensibilidades orientadas para princípios e valores universais e humanistas como a paz, o ambiente, a solidariedade e a democracia.

## Referências

- Bourdieu (1987). "Propostas para o Ensino do Futuro" in *Caderno de Ciências Sociais*. (nº 5, pp 101-120, policopiado).
- Buckingham, D. (2001). *Une invitation a l'education aux medias – Un guide destine aux enseignants*. Version preliminaire d'une publication pour l'UNESCO. Institute of Education, Université de Londres.
- Cortesão. (2000). *Ser Professor: um risco de extinção? Reflexões sobre práticas educativas face à diversidade, no limiar do séc. XXI*. Edições Afrontamento, Lda. Porto.
- DES (2000). *Revisão Curricular no Ensino Secundário. Cursos Gerais e Cursos Tecnológicos*. Lisboa: DES, Ministério da Educação
- Dodge, B. (1995) Some Thoughts About WebQuests.  
[http://webquest.sdsu.edu/about\\_webquests.html](http://webquest.sdsu.edu/about_webquests.html) (Acedida em 20 de Maio de 2006)
- Ilharco F. (2004). *A Questão Tecnológica – Ensaio Sobre a Sociedade Tecnológica Contemporânea*. S. João do Estoril. PRINCÍPIA, Publicações Universitárias e Científicas
- Molero, F. (1999) *La Didáctica ante el Tercer Milenio*. Madrid, Editorial Síntesis, S.A.
- Morin, E. (2001). *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil.
- Morin, E. (2002). *Educação e Complexidade: Os sete saberes e outros ensaios*. São Paulo. Cortez.
- Pacheco (2001). *Currículo: Teoria e Práxis*. 2ª Ed. Porto. Porto Editora, Lda.
- Perrenoud, (2000). *Dez novas competências para Ensinar*. Porto Alegre, Artemed Editora.
- Santos, S. (1995). "Construção Multicultural da igualdade e da diferença" in *Palestras no VI Congresso Brasileiro de Sociologia*. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 4 a 6 de Setembro.
- Silva, I. (2004) *Uma Pedagogia Multidisciplinar, Interdisciplinar ou Transdisciplinar para o Ensino/Aprendizagem da Física*. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belo Horizonte – 12 a 15 de Setembro de 2004.